

# **POEMAS EM TONS DE CINZA E AZUL PROFUNDO**

**Poemas de Edmundo Brandão Dantas**

# ÍNDICE

O amor inteiro.....	Pág. 4
Corda bamba.....	Pág. 5
Aventura louca.....	Pág. 6
A rotina do mineiro.....	Pág. 7
Os mais iguais.....	Pág. 8
Perfil.....	Pág. 9
Discurso profundo.....	Pág. 11
Descaminho.....	Pág. 12
Menu com antídoto.....	Pág. 13
Ternura.....	Pág. 14
Despressurização.....	Pág. 15
Verdades.....	Pág. 16
O verso decomposto.....	Pág. 17
Soneto da vida-rima.....	Pág. 18
Patriotismo.....	Pág. 19
Regime político.....	Pág. 21
Depois que John Lennon morreu.....	Pág. 22
A obra perdida.....	Pág. 23
A cara da aranha.....	Pág. 25
A tarde songa-monga.....	Pág. 26
A verruga da caveira.....	Pág. 27
O roqueiro caduco.....	Pág. 28
Reverberação.....	Pág. 29
Constatação com ossos.....	Pág. 30
O cego no trapézio.....	Pág. 31
Mistérios do lixo.....	Pág. 32
Filosofia barata regada a vinho.....	Pág. 33
Amadurecer.....	Pág. 34
Benchmark.....	Pág. 35
Poema profundamente romântico.....	Pág. 36
A montanha e o cais.....	Pág. 37
A música e o músico.....	Pág. 38
Os pés.....	Pág. 39
Amor cibernético.....	Pág. 40
Meu dia de refém.....	Pág. 41
Poema doce.....	Pág. 42
Causa.....	Pág. 43
Questões cruciais.....	Pág. 44

Prova arcaica.....	Pág. 45
Money meter.....	Pág. 47
31/10/2002 – Os 100 anos de Drummond.....	Pág. 48
A tarde atordoada.....	Pág. 50
Masochismo.....	Pág. 52
Desprezo.....	Pág. 53
Náufrago do pranto.....	Pág. 54
Estorvo.....	Pág. 55
Células mofadas.....	Pág. 56
Sépia.....	Pág. 57
Mais dúvidas.....	Pág. 58
Turned off.....	Pág. 59
O tempo-crocodilo.....	Pág. 60
Sobreviver.....	Pág. 61
Blasfêmia.....	Pág. 63
Singular e plural.....	Pág. 64
Conquista.....	Pág. 65
Fetice.....	Pág. 67
Frio sobre frio.....	Pág. 68
Natureza morta.....	Pág. 69
Arte opaca.....	Pág. 70
O ato de pensar.....	Pág. 71
Chuva.....	Pág. 72
Vida adiada.....	Pág. 74
O tico-tico e o bastardinho.....	Pág. 75
Reflexão sobre a poesia.....	Pág. 77
Olho de lince.....	Pág. 85
Esgrima.....	Pág. 87
Poema em tons de cinza e azul profundo.....	Pág. 89

## O AMOR INTEIRO

O amor não admite

meio-termo:

ou se ama e se tem tudo,

ou se suporta,

e nada.

(O amor, então, corta como espada).

Quando uma das partes ama

e a outra apenas suporta,

o amor não completa,

corta.

## **CORDA BAMBA**

Ando no fio da espada,  
equilibrando-me no risco  
do nada.

Busco a dignidade no todo,  
jogando malabares  
a rodo.

Caço nos caminhos da vida,  
Minha grande aventura  
Perdida.

## AVENTURA LOUCA

A vida é assim:

um dia

me rasgo pela boca,

outro dia

me viro pelo avesso.

## A ROTINA DO MINEIRO

Um dia eu ando pela rua,  
no outro não saio de casa;  
às vezes mergulho no trabalho,  
às vezes só bato asas.

Meu tempo é assim, rotineiro,  
entre saídas e entradas;  
um dia moleque fagueiro,  
outro cansado da estrada.

## OS MAIS IGUAIS

Enquanto os políticos  
discutem interesses pessoais,  
eu produzo.

Enquanto os ministros  
assinam portarias irracionais,  
eu estudo.

Enquanto o presidente  
faz viagens internacionais,  
eu labuto.

Políticos, ministros, presidente,  
são mesmo assim, ímpolutos,  
sorridentes e engomados,  
testando nossa capacidade  
de sofrer sem ficar putos.

## PERFIL

Somos os ratos  
de orelhas nas costas,  
os sapos cegos,  
as cobaias  
dos Três Poderes:  
somos o povo do Brasil.

O Brasil é feito  
da nossa dignidade ferida,  
da dor do nosso flagelo,  
da inércia dos poderosos.

O Brasil é a Pátria  
apodrecida  
pelas fístulas da  
corrupção.

Nós trabalhamos, eles se divertem;  
nós sonhamos, eles esbanjam.

Eles se isolam na opulência,  
nós damos nosso sangue,  
na esperança de regenerar  
a Pátria podre.

Somos o povo do Brasil.  
Aqueles que tocam esse barco.

## DISCURSO PROFUNDO

Sua Excelência falou:

— Vagabundos!

Sua Excelência bufou:

— Vagabundos!

Sua Excelência gritou:

— Vagabundos!

Depois desse discurso profundo,

ajeitou a gravata,

ajustou o terno,

e, todo frajola,

saiu pelo mundo,

vagabundo.

## DESCAMINHO

Prefiro as distorções  
mais arrojadas,  
do que as linhas retas;  
acordes dissonantes,  
a cebolões.

O que se há de fazer,  
se sou mesmo assim,  
meio torto,  
e o mundo em que vivo  
é um descaminho?

## MENU COM ANTÍDOTO

Dida falava assim:

— Vou fazer um arroz

“la greta” procê.

Depois, vinha com outra:

— Melhor: feijão “torpedo”.

Eu saboreava:

— Biscoito de “porvício”.

Passava a comilança,

fígado chiava:

— Toma chá de “bôrdo”.

Minha vida pintava e “bordava”.

## TERNURA

Minha mãe, de cadeira  
de rodas,  
exercitava diariamente  
sua veia mais crítica.

Desfiávamos os rosários das  
mais tenras novidades  
da Caxambu de então.

Meu pai sorria,  
com seu gênio turbulento.

Minhas irmãs,  
boquirrotas, explodiam.

Eu tomava minha cervejinha,  
enquanto a felicidade passava.

## DESPRESSURIZAÇÃO

Desde que comecei  
a despensar,  
vivo meio zozzo.

Nada muito sério,  
desimagino.

Só tenho uma certeza:  
vivo desinquietao.

## VERDADES

Quem me disse isso tudo

foi a Dida:

— Home que passa debaixo do  
arco-íris vira muié.

— Morcego é rato véio que  
criou asa.

— Rosto quente, que toma  
corrente de vento frio, entorta a boca.

Desde então,  
nunca mais parei  
de pensar.

## O VERSO DECOMPOSTO

Desmantelo versos,

assim faço.

Não quero o verso tolo,

o verso lasso.

Decomponho versos,

assim espero.

Não quero o verso burro,

o lero-lero.

O que eu quero,

de verdade,

é o poema forte,

o verso exato,

que, mesmo decomposto,

neutralize o impacto

desconcertante

do fato.

## SONETO DA VIDA-RIMA

Nada vai fazer com que eu desista,  
ou, mesmo, que eu insista em desistir;  
tudo irá mudar e isso é parte,  
do fato impertinente de existir.

Ninguém deve esperar que eu desanime,  
ou, mesmo, que eu me anime a vacilar;  
tudo há de mudar porque faz parte  
o fato incontestável de mudar.

A vida é assim, é teimosia;  
quem cede e fácil desanima,  
deixa passar o tempo e se esvazia;

e não há poema que exprima,  
o peso inquestionável da poesia,  
que reside na luta pela rima.

## PATRIOTISMO

Amo o Brasil,  
como amo uma boa trepadinha  
bem no finzinho da noite.

Amo Pindorama,  
como amo uma roda de viola,  
conversa jogada fora.

Amo Santa Cruz,  
como amo os livros, os discos,  
o imaginário do povo.

Amo Vera Cruz,  
como amo um beijinho gostoso  
na boca de minha amada.

Amo esta Terra Brasilis,  
como amo meus filhos, minha família,  
minha vidinha tranqüila.

Amo meu país,  
como amo Caetano Veloso  
cantando "Língua".

Amo minha Pátria,  
como amo as varandas, os sussurros,  
as águas minerais.

Amo minha terra,  
como amo Caxambu, meus amigos,  
minhas causas impossíveis.

Amo o Brasil,  
como amo as metáforas, as antíteses,  
os paradoxos.

## REGIME POLÍTICO

Parlaputa

Mentarismo,

Presiplura,

Dencialismo,

Parladência,

Putarismo,

Presidência,

Pluralismo,

Parlamento,

Merdalência,

Putamerda,

Decadência.

## DEPOIS QUE JOHN LENNON MORREU

Hoje somos senhores de casa,  
barrigudos e carecas,  
não há mais canções dos Beatles,  
nem masturbação nos muros  
da cidade.

A cidade, ah, a cidade!

Virou plantação de prédios?

Oligopólio de riquezas escusas?

Hoje somos pais de família,

cabelos grisalhos,

quase broxas,

não há mais beijos roubados,

nem tesão por tornozelos.

Hoje as bundas são explícitas,

os seios não têm mistérios.

Os dedos manuseiam vento,

as coxas anseiam por verdades.

## A OBRA PERDIDA

Parte de minha obra sumiu,  
escafedeu-se,  
fruto de minha desatenção.

Parte de meus poemas mais queridos,  
hoje é lixo,  
está por aí, perdida em algum lixão de Brasília.

Rasguei-os, apaguei-os de mim,  
agora sofro.

Quando terei caminhos  
Para novas criações?

Meus melhores poemas,  
aqueles que mais me tocavam,  
viraram migalhas,  
lugar-comum,  
deteriorados, talvez,

entre outros resíduos,  
as letras apagadas,  
palavras desarticuladas,  
resultado de minha cabeça oca.

Como é triste descartar poemas!

Temas que tanto tempo  
leve para desenvolver,  
hoje são assuntos mortos,  
perda total.

Fosse eu um poeta importante,  
teria uma obra inacabada.

## A CARA DA ARANHA

Ao escrever, deparo-me com uma aranha:

É dessas aranhas pequenas, papa-moscas.

O que haverá na cara da aranha?

Sinto que milhares de olhos me perscrutam,

Gulliver de liliputianos olhares temerosos.

A aranha, sinto, me analisa.

Poeta, estarei louco?

Recuso-me a escrever por uns instantes.

A aranha pára, liga-se em mim.

Eu morro.

A aranha, de súbito, me desdenha:

tece uma teia inesperada,

anda, vai embora,

e eu, perplexo,

a perceber nela caras e bocas.

Aranha estranha...

Simplesmente dá-me as costas

e escala a teia.

Aranha feia!

## A TARDE SONGA-MONGA

Desimagino coisas nessa tarde escrota.

Arremedo o tempo fazendo caretas.

A tarde escraviza o sábado,

desencravo a frase.

Meu dedão dói,

típico cagão.

Meu poema escorrega,

como a desfaçatez das bananas pisadas.

Eu, hein, penso na tarde.

Desdigo tudo e não sou fhc.

A tarde é songa-monga e me faz espirrar podres.

O sábado é foda.

## A VERRUGA DA CAVEIRA

Não sei o que é mais feio:  
se uma caveira, uma verruga,  
ou mesmo a Sandra de Sá.

Por via das dúvidas,  
extravio meus enredos,  
daqui para acolá.

Imaginem uma caveira com verrugas.  
Ai, meu Deus, que coisa mais horrível!  
Peço licença e desencarno.  
E o tempo nos dirá quem tem razão.

## O ROQUEIRO CADUCO

Misturo acordes pesados  
com canções românticas  
e subverto a ordem.  
Sou um psicodélico eclético,  
que vai do punk ao poético,  
como de Caxambu a Baependi.  
Meu rock tem clarinetas,  
pasmem!  
Meu rock tem jatobá, gabirola e araçá,  
um sabor exótico.  
Meu rock é pudico-erótico.  
Destina-se a beatas e meretrizes,  
sagrados e profanos,  
veados, lésbicas, leigos.  
Apesar de tudo, meu rock é meigo.  
Muito melhor do que "bunda music"  
ou esses pagodes que infernizam  
nossos ouvidos.  
Meu rock é surdo. Não é para ser ouvido.

**REVERBERAÇÃO**

Verter versos,

mananciais palavras,

ler Asterix.

Ouvir música,

reverberar rimas,

idéiafix.

## CONSTATAÇÃO COM OSSOS

Brasília esconde  
as vértebras no  
eixo monumental.

Costelas? Há muitas  
no tórax da capital.

Eta, cidade danada,  
essa tal Capital Federal!

## O CEGO NO TRAPÉZIO

A vida por um triz,  
pensa o cego  
no trapézio.

A vida por um triz,  
penso eu  
a caminhar pelo incerto,  
o risco,  
a aventura.

Seremos todos,  
no fundo, no fundo,  
cegos no trapézio?

Passa uma brisa rápida,  
e minha visão se turva.

## MISTÉRIOS DO LIXO

Pobres como eu

são assim:

só andam de ônibus,

roupas remendadas,

sempre quebrados.

Pobres como eu

são assim:

vivem à margem de tudo,

comem o pão que o diabo amassou,

escrevem poesia.

Poetas são assim:

tiram do lixo

canções desesperadas,

poemas de amor,

mistérios da pobreza.

## FILOSOFIA BARATA REGADA A VINHO

Escrevo poemas,

logo, desisto!

(diria alguém,

parodiando o filósofo).

Por conta disso,

finjo que existo.

## AMADURECER

Entro no ônibus e,  
num impulso,  
começo a observar  
as pessoas.

Dois jovens advogados  
testam sua  
alegoria legislativa  
praticando latim.

Subitamente,  
eu penso em mim.

## BENCHMARK

Os intelectuais que  
me perdoem,  
mas a burrice  
é fundamental.  
Sem ela,  
a intelectualidade  
não teria  
*benchmark.*

## POEMA PROFUNDAMENTE ROMÂNTICO

Te amo  
até nas profundezas  
dos mares mais  
profundos,  
no ponto mais  
abissal do Grand Canyon,  
no fundo mais  
recôndito  
do meu pobre coração.

Te amo  
da extensão mais profunda  
das mais fundas  
cavernas de Minas,  
no esconderijo mais  
secreto dos poetas,  
te amo até  
na solidão mais aguda  
dos planetas.

Meu amor por ti extrapola silêncios.

**A MONTANHA E O CAIS**

Da infância trago quimeras,  
do passado, minas generosas;  
há uma pergunta no ar  
que não sei responder.  
Talvez mereça quimeras,  
quiçá, Deus sabe,  
Minas Gerais.  
Talvez meu mundo-montanha,  
nascido longe do mar,  
esteja à procura de um cais.

## A MÚSICA E O MÚSICO

Busco acordes que não

sei,

canções inesperadas.

As chaves mais absurdas

se perdem em minhas

partituras

e o músico em mim

comete música.

## OS PÉS

Amava admirar os pés femininos  
em sandálias que  
emanavam sexo.

As mulheres enfeitavam  
os pés e os expunham,  
descaradas.

O poeta recolhia-se  
em si e imaginava  
o impossível.

## AMOR CIBERNÉTICO

Eu sou uma espécie

de *hacker*

insaciável.

Quero brincar com você,

criando jogos,

nós dois num

*site* paradisíaco.

Eu pirateio você,

você se entrega,

eu crio um

*software* chamado

"Nós Dois".

Depois, é tudo assim:

só *bits* e *bytes*.

## MEU DIA DE REFÉM

Hoje foi meu dia  
de padecer como  
refém.

Um dia quente  
e normal,  
e eu numa  
fila enorme,  
da Caixa Econômica  
Federal.

## POEMA DOCE

Dida me dizia:

— Açúcar bom é açúcar de rapadura,

tão doce,

tão doce,

que até o dente dói.

Café feito com esse açúcar,

leva nós até no céu,

de tão gostoso que é.

Garapa pura!

Cê num conhece não, Dim?

É um açúcar mais escuro,

mei marrom, quase preto,

o povo conhece ele

como açúcar “mascado”.

— Ah, Dida, agora sei.

E minhas melhores lembranças

adoçam meus momentos.

## CAUSA

As letrinhas e os sons,  
com requintes de sonho e emoção,  
confirmam o poema.

As letrinhas e os sons, às vezes,  
organizam-se em métrica e rima,  
em prol do poema.

Às vezes sem métrica, às vezes sem rima,  
o poema livre aflora, explora o ritmo,  
encanta as horas.

O poema às vezes ri,  
às vezes  
chora.

## QUESTÕES CRUCIAIS

Por que não sorrir  
se estamos aqui  
por obra divina?

Será que há motivos  
para os medos ocultos  
de cada esquina?

Por que não sorrir  
se estamos aqui  
pelas mãos de Deus?

Será que há motivos  
para os ódios e insultos  
dos fariseus?

## PROVA ARCAICA

A noite de Brasília  
convida a encantos mortos.  
Eu aqui, professor,  
a seguir as regras.  
Aplico provas,  
professor arcaico.  
Alunos, olhares cândidos,  
a testar o mestre (idiota?);  
olham para o ar,  
a perscrutar insetos,  
quiçá frases,  
mensagens-brisa,  
o teste arcaico.  
A noite de Brasília,  
quente de febril,  
resmunga ausências.  
Eu, na mesa de um auditório,  
a copular com letras,  
aplico (pasmem!),

em pleno 2002,  
provas no Brasil!  
Minha mente acena  
com esperança.  
Uma voz esganiçada  
ecoa pelo  
corredor da faculdade.  
Uma aluna eufórica,  
estudante de quê?  
Casais jovens  
esbanjam a libido  
pelas escadas.  
Eu, professor,  
encantos mortos,  
domino a noite inexata:  
testo gente,  
teste inócuo,  
o saber vomitado  
sem convicção,  
numa folha de papel  
arreganhada.



## MONEY METER

As pessoas ligam  
seus medidores de dinheiro,  
seus caça-níqueis particulares.

Dois rápidos cliques  
e o mundo é tarifado.  
Tudo é dinheiro,  
tudo é cifrão.

Respiro dez merréis de esperança,  
bebo cinco pilas de ilusão,  
como dois contos de verdades,  
rasgo três paus de ambição.

A vida, ah, a vida!  
Essa corre,  
desvalorizada,  
dólares se esvaindo  
pelo ladrão.

Hoje comemoro.

Comemoro o quê?

Paro.

Carlos ressuscitado,  
como se fosse Deus,

eu,

talvez enfermo,

blasfemo.

A augusta majestade de Itabira,  
com seus morros e montanhas,  
e o céu (enfim) chuvoso de Brasília.

Continuo aqui e ele lá.

Sua estátua repousa  
numa calçada de Copacabana,

enxerga o mar de costas,

o que é que você quer?

Gauche é sempre gauche, meu caro,

é assim mesmo.

Lanço o *happy birthday* numa prece,

Receoso, porém, ressono.

Drummond dorme,

anjo torto,

um século de anjo.

## A TARDE ATORDOADA

Encanto-me contigo, ó tarde atordoada.

És o espaço morto dos estômagos

privilegiados,

cheios de carboidratos,

que, atormentados pela plenitude,

espalham a preguiça.

Manifestas-te em mim,

esse tal de ser humano,

como a revelação mais cruel

(e interessante)

dos meus limites.

Triglicerídeos,

assanhados pelos últimos exames,

pululam em meu sangue,

colesteróis apaixonados

regurgitam em minhas veias.

Minha pressão,

controlada pelos remédios mais fortes,  
comporta-se bem.

Meu coração,  
anginas à parte,  
palpita atônito.

Encanto-me contigo,  
ó tarde magnífica!  
És a constatação da opulência,  
a força dos momentos mais altivos  
que vivemos,  
enquanto semimortos.

Todos os sábados,  
após as tragédias de praxe,  
recolho-me em ti,  
ó tarde atordoada.

## MASOQUISMO

Quando nada mais tiver  
que ser dito,  
quando não houver mais  
ninguém maldito,  
quando as coisas forem  
assim, quase perfeitas,  
e, de tão completas,  
as ações não precisarem mais  
ser refeitas,  
aí sim, que remédio,  
estará instalado,  
enfim,  
o tédio.

## DESPREZO

Desacelero o descaso,  
assim como desfaço  
o desfeito.

Assim são o desconforto,  
o desleixo,  
o desalento.

Disso tudo  
fica o desmando:  
desnecessário,  
desligado,  
despeitado.

## NÁUFRAGO DO PRANTO

A lágrima contida  
é como sonegar  
a vida.

A falta de horizonte  
é como denegrir  
o encanto.

O homem sem lida  
é como naufragar  
no pranto.

Sou lágrima contida,  
falta de horizonte,  
encanto denegrido,  
náufrago do pranto.

## ESTORVO

Estúpido veneno,  
títulos fugindo  
pelo ladrão.

A consciência do fundo,  
veias poluídas,  
degeneração.

O espelho, duro retrato,  
o traço torto,  
a descoberta  
do estorvo.

Um sonho  
indesejável,  
paisagem morta,  
eu morto.

## CÉLULAS MOFADAS

Poemas obscuros,  
a opacidade  
refletida  
no breu.

Meu arco-íris,  
monocromático,  
é preto  
sobre o negro.

Minha dor  
oculta as cores.

Células mofadas?

Oh, Deus, onde estão  
os horizontes?

## SÉPIA

O dia em sépia,  
sombras que impactam  
e se impõem  
sobre as luzes.

Dia marrom, cor de café.

Sinto-me como  
um semitom amargo,  
totalmente bemol.

## MAIS DÚVIDAS

O que é melhor:

ser casto ou fescenino?

Há momentos

em que essas dúvidas

me assolam.

A resposta vem em

doses homeopáticas:

às vezes pudicas e beatas,

às vezes prostitutas obscenas.

**TURNED OFF**

Caí na rede

sou peixe, presa fácil,

emaranhei-me:

noventa quilos de

luz apagada,

desliguei-me.

## O TEMPO-CROCODILO

Vejo nos dentes do dia

presas de crocodilo.

Mandíbulas se expandem e se contraem

por vinte e quatro horas,

a alma da gente

sendo devorada

pelo tempo:

alma-presas,

tempo-crocodilo.

## **SOBREVIVER**

É só luta, nada além.

Corre-se para um lado,  
desvia-se das balas perdidas,  
corre-se para o outro,  
desvia-se dos motoristas loucos,  
dos gerentes de bancos,  
dos ladrões, dos trombadinhas.

Sobreviver é como  
uma arte perigosa:  
o globo da morte,  
o trapézio sem rede,  
lidar com feras.

Sentido na vida?  
Pode ser que haja:  
talvez lutar.

Ao final,

um caixão enfeitado com flores,

o choro da família,

o lamento dos amigos.

Quiçá a perspectiva

de virar herói.

Depois da vida?

Prefiro não alimentar

mistérios.

## BLASFÊMIA

Quem lê meus versos  
mais recentes  
poderá descobrir  
minha insanidade.

Talvez seja uma constatação  
tosca, ou  
uma inverdade.

O fato é que ando  
questionando muito  
minha existência.

Tenho medo de descobrir  
que sou só um pedaço  
de carne  
e que minha alma  
é só uma brincadeira de Deus.

## SINGULAR E PLURAL

No singular

todos são bons.

Quero ver

é no plural!

## CONQUISTA

Em baixo, antes de tudo,

a estratégia: qual o melhor caminho  
para o monte?

Em cima, o monte:

rígido, úmido, apontando para o alto,  
cume pontiagudo.

O monte surge, impávido, da floresta.

O monte, parece, atíça, alicia o aventureiro,  
como se dissesse:

Venha!

Desprovido de provisões, nu, o aventureiro se arrisca.

Falta-lhe oxigênio, sobra-lhe adrenalina;

a aventura é inevitável.

Duas cadeias de montanhas, protegendo uma gruta funda,

e o monte, que se sobressai, perfeito,

ambiente exato, propício para a aventura.

A conquista se configura a cada passo,

a cada espaço vencido.

Palpita, o monte?

Impressão?

Terremoto?

Tremor sem conseqüências?

O monte palpita.

O aventureiro chega ao cume.

O monte incha, chove no monte,

o monte engole a chuva.

De repente, tudo é paz.

A floresta se fecha sobre a gruta,

e a gruta, protetora,

esconde o monte.

## FETICHE

Os pés fundem-se  
à areia,  
perfeita harmonia.

O discreto brilho do  
esmalte, destaca  
os dedos que encantam.

Olhos fechados,  
alguém que imagina,  
se deleita  
com a completa  
harmonia.

## FRIO SOBRE O FRIO

O vento frio  
fustiga o inverno de  
Brasília.

A capital federal,  
fria, fustigada pelo  
vento, frio, se revela.

Os amantes de Brasília  
procuram justificativas  
para um calor quase  
impossível.

## NATUREZA MORTA

Minha varanda  
tem um vaso triste,  
de flores artificiais.

Em tons pastéis,  
rosas descoradas,  
samambaias de  
triste ver, verde-tristes,  
orquídeas de papel.

Minha varanda,  
tão bela, tão triste.

## ARTE OPACA

De tudo o que restou de mim,  
escrevo poemas amargos.

Não componho mais canções,  
abandonei o desenho,  
pintar, nem pensar.

Minha identidade com a arte,  
doravante, pende por um fio.

Versos mudos,  
música afônica,  
pincéis secos,  
naturezas mortas.

## O ATO DE PENSAR

No momento  
estou propenso  
a desistir.

Mas se penso,  
sou propenso  
a resistir.

Não penso,  
desisto.

Se penso,  
resisto.

## CHUVA

Depois da estiagem,  
o alívio:  
chove.  
A chuva,  
doce suor de Deus,  
espalha-se  
por sobre os gramados,  
borrifando vida  
na triste cor  
cinza  
das plantas ressequidas.  
Qual camaleão,  
de repente,  
o cinza dá lugar  
ao verde,  
como se as folhas  
sorrissem,  
como se as flores  
agradecessem,

saciadas de água,

ressurreição

da natureza morta.

## VIDA ADIADA

Coração apertado,  
espalha brasa,  
angústia sem escrúpulos.

Dor iminente,  
sonho adiado,  
grilos e grilos.

Poeta escravo,  
dor de mim mesmo,  
escrevo.

Angina pectoris,  
poeta dormente,  
postergação.

## O TICO-TICO E O BASTARDINHO

O filhote perdido,  
penas negras,  
implora por comida.

Duas vezes maior  
que o pai (ou a mãe?)  
solícito (solícita?).

O filhote é bastardo.  
Tico-tico chocou  
em ninho alheio.

Num pé de buganvília,  
entre flores carmim,  
tico-tico alimenta o bastardinho.

Passarim de penas negras,  
nem aí está,  
nem se toca.

Tico-tico, pai zeloso, traz o alimento:

um cupim desavisado,

uma lesma, uma minhoca.

Do alto de um prédio,

um cronista denuncia:

bem-te-vi, bem-te-vi!

Tico-tico,

ocupado com seu filho bastardo,

faz que não está nem aí.

## REFLEXÃO SOBRE A POESIA

A poesia, meus amigos,  
não é flor que se cheire.  
Ora quente, ora fria,  
na poesia  
não se confia.  
Tristeza, raiva,  
melancolia,  
amor, esperança,  
alegria,  
a poesia,  
explosão de emoções,  
alegoria,  
é verdade,  
e mentira,  
combinação de humores,  
da sonoridade rascante do fagote  
à suavidade da lira,  
a poesia, meus amigos,  
às vezes é lúcida demais,

às vezes delira.

A poesia  
não garante  
o pão de cada dia.  
Por isso poetas  
são pobres,  
mortos de fome,  
sem brilho,  
retidos em  
si mesmos.  
A poesia é como  
um cão vadio,  
perdido,  
jogado a esmo.

A poesia, meus amigos,  
é concordância  
e rebeldia.  
A poesia?  
Ah, a poesia!

Segredo, reflexão,  
pensamentos  
que não levam  
a nada,  
a poesia existe?  
Existe para quê?  
Talvez ela seja  
a razão de viver  
das musas;  
mas a poesia,  
vez por outra,  
é obtusa:  
cospe no prato que come,  
faz dos poetas  
idiotas.  
(Cá pra nós,  
a poesia é lorota,  
não dá para crer).

A poesia, meus amigos,  
é miscelânea  
de sentimentos,

vontade de viver,  
ansiedade,  
querer morrer,  
 vaidade,  
show de extremos,  
a poesia não tem limites.

A poesia é sábado,  
é domingo,  
é a semana,  
o mês, a vida  
inteira,  
mas é vagabunda, rameira,  
não tem eira,  
nem beira.

A poesia, meus amigos,  
exalta e incomoda,  
às vezes é *super fashion*,  
às vezes, fora de moda,  
é a roda de samba,  
é a anágua *démodé*,

o fio dental das meninas,

o sexo suave,

a pornografia.

A poesia é a palavra

com a sina

do poeta que a produz.

A poesia – credo em cruz! –

é buraco de avestruz,

é a criatura

que devora o criador,

é o ódio e o amor,

é o coração calado,

é a alma sem pudor.

Há mistérios na poesia,

ou ela é a própria

revelação?

Na dúvida, meus amigos,

é melhor não fechar

questão.

A poesia não requer

respostas,  
mistura segurança  
com jogos de apostas,  
varia do melhor  
vinho  
à bÍlis mais amarga,  
a poesia é banda  
larga,  
oscila entre  
a cidade e a vila,  
a poesia fermenta,  
a poesia destila,  
é veneno  
e antÍdoto,  
acaso  
e método.

A poesia, meus amigos,  
é como um tiro  
de morteiro:  
transforma em migalhas

sentimentos e valores,  
explode e estilhaça  
corações e mentes.  
A poesia, meus amigos,  
é casta  
e indecente.  
É triste ser poeta;  
é alegre ser poeta.  
Na geração de poemas,  
brincar com a poesia  
é um ato  
incontestável  
de dor e de prazer.  
A poesia é um paradoxo:  
mesmo poderosa,  
plena de adjetivos,  
é inócua e desamparada.  
A poesia é como  
uma criança  
abandonada.  
Escrever poemas

é o mesmo  
que morrer  
de viver.

## OLHO DE LINCE

Observo, olhar perscrutador.

O motorista pára

o carro oficial

em frente ao prédio

re-si-den-ci-al.

Será que vem buscar

sua excelência

para trabalhar?

O relógio registra,

prova irrefutável:

uma, duas, três horas,

sua excelência não desce.

Dormirá, a autoridade?

O motorista, terno cinza,

via das dúvidas,

tira um cochilo.

Brasília tem dessas coisas:

alguns dormem,

muitos pagam a conta.

## ESGRIMA

O esgrimista grita:

“En garde!”,

e a luta começa.

Espadas que se encostam,  
os floretes, fagulhas que borboleteiam  
pela sala em penumbra.

Ao toque hábil da  
espada no corpo do adversário,  
“Touché!”,  
o registro eletrônico  
da pontuação do esgrimista. E só.

Esporte nobre,  
o espadachim descansa.

As espadas não ferem, pontas protegidas,  
é só uma disputa.

Enquanto isso,  
pelas ruas,  
espadas sem proteção.

## POEMA EM TONS DE CINZA E AZUL PROFUNDO

Não sei se sou alguma coisa,  
mas sei que sou coisa nenhuma.  
No plano dos homens,  
somente passagem;  
no plano de Deus,  
paisagem.